

## A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM *CINZAS DO NORTE* DE MILTON HATOUM

Ivanete da Silva Alves (UFMG)<sup>1</sup>

**Resumo:** A imagem de “paraíso/inferno verde” que circula entorno da região amazônica foi divulgada mundo a fora pelo imaginário externo. Contudo, a visão dúbia nega a multiplicidade desse espaço. Diante disso, entende-se que é interessante pensar a Amazônia fora da ideia binária, dando relevo ao caráter complexo e heterogêneo que ela apresenta. Para essa reflexão toma-se como objeto de análise o romance *Cinzas do norte* (2005), de Milton Hatoum porque a narrativa põe em pauta questões contundentes para o debate, como os processos migratórios.

**Palavras-chave:** Amazônia; paraíso; inferno; heterogeneidade; *Cinzas do norte*.

### Introdução

A Amazônia foi amplamente divulgada por uma perspectiva homogênea. Essa percepção continua sendo pautada e começou ainda no início do período de ocupação europeia. Viajantes naturalistas e colonizadores difundiram discursos que mostravam a Amazônia por uma perspectiva “genesíaca”, já que propagaram a imagem de terra virgem e selvagem, fonte inexploradas de riquezas e habitada por pessoas primitivas. Assim sustentou-se uma percepção essencialista a qual se fixou no imaginário coletivo.

Contudo, “esse verdadeiro consenso que existe a respeito do que seja a Amazônia é, na verdade, uma imagem que foi contraditoriamente construída ao longo da história”, constituindo “mais uma imagem sobre a região do que da região” (GONÇALVES, 2005, p. 17). As representações que repousam em uma essência não condizem com a Amazônia: além de a região ser habitada por diferentes grupos indígenas, ela também foi palco de vários processos migratórios o que lhe garante multiplicidade social, política e cultural. Tudo isso contribui para questionar as visões homogeneizantes. É objetivando adentrar nesse debate que se propõe refletir sobre a heterogeneidade da Amazônia brasileira. Tal reflexão poderá ampliar o olhar sobre o espaço e, fomentar o campo epistemológico. Para a produção considera-se relevante a análise do romance, *Cinzas do norte*, de Milton Hatoum porque tal obra recria a Amazônia dando visibilidade ao aspecto plural dos sujeitos e do espaço.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras: Estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
e-mail: ivanety\_23@hotmail.com



A obra hatouniana publicada em 2005 é ambientada na Amazônia brasileira. O enredo é movido por conflitos pessoais, familiares e coletivos que se desenrolam num período que vai de 1950 até o início dos anos 1980, perpassando assim toda a vigência da Ditadura Militar brasileira. Na narrativa, Manaus é o espaço ficcional de maior relevo, uma vez que a história narrada se passa predominantemente no ambiente urbano. A selva e o meio rural aparecem com bem menos destaque. O próprio escritor fala a respeito do espaço de suas narrativas: “O norte dos meus romances é uma cidade, Manaus, que mantém vínculos fortes com o interior do Amazonas” (HATOUM, 2006b, s/p). Em entrevista para um grupo acadêmico da Universidade Estadual do Norte do Paraná o escritor dá uma explicação sobre essa opção:

Porque eu nasci em Manaus, eu sou de lá, nasci numa família amazonense, de imigrantes, e a minha infância, também minha primeira juventude, foram passadas em Manaus. [...] Então, muita coisa do meu primeiro romance, de todos na verdade, tem a ver com esse mundo, com esse pequeno mundo de Manaus e um pouco também com o interior do Amazonas que eu conheço, vamos dizer, profundamente. (HATOUM, 2016: 131)

O livro mostra uma cidade complexa e diversificada em decorrência das migrações. Compreendemos que assim, Hatoum constrói um ambiente ficcional que problematiza os pensamentos de unidades e as organizações binárias. Por isso nesse trabalho vamos nos deter a tentar mostrar como a narrativa dá relevo a heterogeneidade étnica, social e cultural.

## **A heterogeneidade da Amazônia brasileira**

### **A pluralidade étnica**

O texto hatouniano põe em relevo o construto plural da região e evidencia que tal aspecto é o resultado dos processos migratórios para esse lugar, os quais ocorreram em diversas épocas como no período de expansão da borracha (1850-1920). Sabe-se que no referido momento a região foi vista como significativa referência comercial, o que a tornou atrativa para diversos indivíduos que desejavam melhorias financeiras. Em decorrência disso, Manaus passou a ser o destino de muitos que viam na cidade perspectivas de sucessos e, então, a urbe alargou a multiplicidade étnica, social e cultural. Hatoum (2006a) pontua isso ao escrever sobre a sua cidade natal.



Além dos nativos (índios e mestiços), a cidade abrigou um grande contingente de nordestinos que, ao fugirem da seca do sertão, povoaram os seringais e as cidades da Amazônia. Muitos, estrangeiros (portugueses, espanhóis, italianos, alemães, ingleses, sírios e libaneses e judeus marroquinos) desembarcaram em Manaus já na década de 1880. (HATOUM, 2006a, p. 55).

Os forasteiros tiveram papel relevante na estruturação do aspecto atual da Amazônia. Eles, “foram responsáveis pela dinamização do comércio, serviços urbanos e atividades terciárias. Alguns eram regatões e faziam a ponte entre a capital e o interior do Amazonas. Muitos, sobretudo os mais pobres, trabalhavam na construção civil” (HATOUM, 2006a, p. 55). A importância dos estrangeiros é focalizada em *Cinzas do norte*, e um exemplo disso é o destaque à migração japonesa. A obra fala do personagem Oyama, que “viera com a família em 1934” (HATOUM, 2005, p. 70) e, realça que,

Mais tarde chegaram dezenas de jovens agrônomos de Tóquio, passaram uns dias na Vila Amazônia e viajaram para o rio Andirá, onde fundaram uma colônia. Tinham construído um pequeno hospital, uma escola agrícola e Okayama Ken: uma vila onde até hoje moravam os trabalhadores mais antigos. (HATOUM, 2005, p. 70).

A narrativa mostra que a presença dos orientais aumentou a misturas de raças. “Tiveram filhos com mulheres daqui: jovens mestiços, metade índios, metade orientais, trabalhadores e forçados” (HATOUM, 2005, p. 70). A miscigenação também é evidenciada no trecho que segue: “uma família antiga, americanos que fugiram da Guerra de Secessão e se fixaram no Pará. Os herdeiros venderam o seringal para uma família inglesa, e hoje todos são brasileiros, caboclos com sobrenome inglês” (HATOUM, 2005, p. 77).

Assim, o romance focaliza a mestiçagem como uma amostra da heterogeneidade do lugar. Mas a obra não se detém apenas a multiplicidade étnica, já que, concede relevo à pluralidade social decorrente das migrações ao focalizar Manaus habitada por diferentes sujeitos que Pellegrini (2007) os chama de “estratos humanos”, “o estrato indígena, o do imigrante estrangeiro, o do migrante de outras regiões do país”. (PELLEGRINI, 2007, p. 101)

### **A multiplicidade social**



A Manaus evidenciada no romance encontra-se em transformações diante do projeto de modernização que visa imprimir uma nova imagem à cidade e acompanhar as mudanças que havia ocorrido ou estão ocorrendo no país. Na descrição de Slater (2007) pode-se perceber o aspecto da urbe. “Um conjunto de fábricas sem árvores, hotéis e lojas de importação que revelam uma mistura de culturas que florescem nas ruas enlameadas dos fundos e nas novas estradas de concreto” (SLATER, 2007, p. 355).

No contexto de transformações é notório que a cidade recebeu investidores crenes na prosperidade do lugar, a exemplo de empresários que viam à Amazônia propícia para negócios voltados à industrialização, como nota-se na narrativa (2005, p. 169). Contudo, a urbe também atraiu muitas pessoas pobres esperanças por melhorias, mas que geralmente não encontravam. Diante disso, a obra pontua cenários de misérias e, desse modo dá relevo às contradições do progresso.

A narrativa mostra vários exemplos de pessoas vivendo em estado de exclusão total, como os mendigos nas ruas de Manaus: “Uma mulher veio rastejando; ficou agachada aos pés de Arana [...] virou a cabeça: pressentia a sombra da mulher aos pés dele. [...] tirou da carteira um cédula, a dobrou e atirou ao tronco da árvore. Olhou para a roda de mendigos e fez uma careta de asco” (HATOUM, 2005, p. 226). Outra representação de sujeitos renegados são as prostitutas. Na grande maioria, meninas do interior que procuravam a urbe com intuito de melhorar de vida, mas deparavam-se com a miséria e a exploração (HATOUM, 2005, p. 147). Os vendedores ambulantes também são rejeitados socialmente: “O peixeiro virou o rosto para nossa mesa, meu tio o cumprimentou. Ele vai morrer na porta de uma casa da Frei José dos Inocentes antes de vender a última fiada de sardinhas. Vai cair durinho, de pés inchados, estorricado pela insolação.” (HATOUM, 2005, p. 102). São pessoas que passam toda a existência sem visibilidade.

O vendedor de melancias, coxo e desdentado, era um velho conhecido na Vila da Ópera. Enfiou a cabeça no vão da janela: a patroa estava na igreja? Com as mãos trêmulas, abaixou o tabuleiro, pôs umas fatias suculentas num pedaço de papel e pediu que as entregasse a minha tia. Parecia um ambulante imortal, outro que sobreviveria a mais um Quinze de Novembro da nossa história. Dei-lhe uns trocados, e ele saiu mancando naquela tarde quente. (HATOUM, 2005, p. 173)



A situação dos povos nativos focalizada na narrativa também evidencia esse regime de exclusão: “Uma família de índios catando as moedas que jogara, moravam ali, entre o gradil e a fachada da casa em ruínas” (HATOUM, 2005, p. 39). Sobre esses povos, Galeano (2015) observa que eles “participam como vítimas, de uma ordem econômico-social em que desempenham o duro papel de os mais explorados entre os explorados” (GALEANO, 2015, p. 79).

A narrativa evidencia vários espaços tomados por misérias como o bairro Novo Eldorado, criado pelo prefeito, o coronel Zanda, para abrigar pessoas empobrecidas, como os ribeirinhos os quais viviam da pesca e que, como consequência do processo de modernização e embelezamento de Manaus, foram desalojados de suas antigas moradias. A fala do protagonista revela tal ação: “Os moradores da beira do rio. Foram jogados do outro lado da cidade. A área foi totalmente desmatada, construíram umas casas.” (HATOUM, 2005, p. 144). O aspecto do lugar é pontuado pela narração:

Mundo contou que no internato tinha pesadelos com a paisagem calcinada: a floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo. Queriam voltar para o rio. Alguns haviam trazido canoas, remos, malhadeira, arpões; a cozinha, um cubículo quente; por isso, levaram o fogareiro para a rua de terra batida e preparavam a comida ali mesmo. Ele dormira na casa da família do Cará. O sol da tarde esquentava as paredes, o quarto era um forno, pior que o dormitório do internato. Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade. (HATOUM, 2005, p. 148).

O espaço degradante desse bairro levou o protagonista a confrontar o governo por meio de sua arte. Ele produziu o “Campo de Cruzes”, a obra mais significativa, no que se refere ao embate com a Ditadura Militar e a ideologia de seus defensores. A produção consistia na fixação de uma cruz de madeira a cada casa do bairro Novo Eldorado para ressaltar a degradação humana naquele ambiente.

Na tarde em que a obra de Mundo foi inaugurada, o coronel Zanda logo informou Jano. No Novo Eldorado, ele [Jano] viu um horizonte de cruces chamuscadas e quis saber que diabo era aquilo: porque tinham construído as casas num cemitério? Onde estava o trabalho do filho? Rindo, o prefeito disse: “Na tua cara Trajano. Teu filho é



atrevido: Fez do bairro um cemitério. Bela obra. Mas vamos destruir toda essa porcaria em pouco tempo. Um dia a gente dá um susto nele.” (HATOUM, 2005, p. 183).

É notável a exclusão social a qual tenta mascarar a miséria excluindo a população pobre. O próprio Hatoum (2006a) diz que, “na cidade planejada segundo um ideário burguês muito mal aclimatado no equador, é preciso pensar em formas de isolamento dos excluídos” (HATOUM, 2006a, p. 55). Nesse contexto, os indivíduos a exemplo de mendigos, vendedores ambulantes, indígenas e prostitutas, entre outros, estão à margem do processo modernizador, riscados das políticas públicas. Sobre esse contexto, Hatoum (2006a) afirma que “na nova cidade, os índios e imigrantes pobres tornam-se trabalhadores urbanos, homens e mulheres excluídos de um projeto em que só há lugar para as elites e uma classe média incipiente” (HATOUM, 2006a, 55).

Em decorrência dessa marginalização, os menos favorecidos têm vidas que, de certa forma, são imutáveis. Então, “essas famílias não podem prever, nem planejar, nem projetar. Suas vidas se sintetizam num esforço cíclico e repetido de sobrevivência que lhes consome todo o presente e lhes consumirá o futuro” (SARLO, 2014, p. 62). Essa realidade do contexto amazônico reafirma o fato de que “o brusco crescimento demográfico de Manaus revela a face perversa de uma modernização inacabada ou falha” (HATOUM, 2006a, p. 55).

Diante dessa abordagem presencia-se as modificações na urbe e percebe-se que tais transformações contribuem para pautar um meio social fluído, uma multiplicidade do lugar por meio do destaque de diferentes espaços e sujeitos. Isso também acarreta na pluralidade de culturas a qual o romance dá relevo por meio da focalização no embate cultural entre colonizador e colonizado.

### **As múltiplas culturas**

*Cinzas do norte* pontua as relações culturais entre povos distintos na Amazônia e evidencia os conflitos entre elas. O texto focaliza a figura do colonizador, mostra que ele concebe a cultura local com inferioridade e, por isso almeja a suplantação das práticas nativas. A mentalidade hegemônica é representada, principalmente pelo pai do protagonista, Trajano Mattoso, Jano, importante empresário de origem portuguesa o qual menospreza as manifestações dos povos locais e regionais por ser tomado pela percepção de uma superioridade cultural.



O perfil do personagem é pautado em várias partes da narrativa, dentre elas o trecho em que ele fala a respeito da tradicional festa folclórica que acontece anualmente em Parintins: “Boi-bumbá, uma asneira. Começam a vadiar nesta época. Em março pedem dinheiro para o festival, e em junho ninguém trabalha mais.” (HATOUM, 2005, p. 79). O pensamento do empresário é evidenciado também quando ele presencia o sincretismo religioso nos atos dos índios: “Da varanda, assistiu ao ritual dos mortos, meio indígena meio cristão [...] ‘São como crianças, um dia rezam para Nossa Senhora do Carmo, outro dia esquecem a santa e a Igreja. A fé dessa gente não está em lugar nenhum.’” (HATOUM, 2005, p. 73). De sua perspectiva essencialista e eurocêntrica, Jano ignora que “não existe uma fronteira cultural nítida entre os grupos, e sim, pelo contrário, um continuum cultural” (BURKE, 2003, p. 14), pois “todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas” (SAID, 1995, p. 28).

Por essas posturas, Jano mostra que seu propósito é o do colonizador sobre o colonizado, o de “sabotagem dos valores culturais e sociais” (SANTIAGO, 2000, p. 15). Esse objetivo decorre de uma concepção imperialista a qual sempre compreendeu que “as raças subjugadas não possuíam a capacidade de saber o que era bom pra elas” (SAID, 2007, p. 70). Essa mentalidade também é exemplificada no romance por meio de histórias sobre o pai de Jano e a construção da Vila Amazônia:

Perguntei por que por que havia tantas pinturas de São Francisco Xavier, feitas pelo um mesmo artista português. Ele me explicou que, no fim da Segunda Guerra, seu pai mandara trazer aquelas imagens para decorar as casinhas dos empregados japoneses. Queria que todos adorassem o santo, mas eles não gostaram da ideia e as devolveram. (HATOUM, 2005, p. 68)

Contudo, vale observar que, embora o colonizador tenha renegado e tentado apagar a cultura local, a fim de impor suas próprias práticas e valores aos colonizados, não houve o êxito pretendido, uma vez que a população regional sempre demonstrou alguma forma de resistência a essas imposições. Para além dos hibridismos culturais, em grande parte provocados pelo próprio processo de colonização, os povos locais procuraram manter os traços de suas culturas e identidades. No texto hatouniano, o ritual dos mortos é uma demonstração dessa perseverança:



Agora muita gente dançava e cantava em homenagem ao artista morto, um dos fundadores do boi vermelho. As vozes e batuques foram aumentando, o chão trepidava, parecia que a metade da população de Parintins estava ali. Subi num banco para assistir à dança, com seus passos ensaiados ao redor de animais de madeira que se moviam lentamente. (HATOUM, 2005, p. 76)

Assim, as práticas culturais são usadas como importantes ferramentas de luta. Isso fica claro também em uma obra de arte do indígena Nilo, trabalho que pode representar a violência do contato das etnias locais com os colonizadores: “Tirou de uma caixa pequenos objetos de madeira que o índio esculpira duas décadas antes: um rosto desfígurado, ou com expressão dilacerante; homens e mulheres jutos, numa expressão de pavor” (HATOUM, 2005, p. 106). Com suas manifestações artísticas, os povos nativos buscam reafirmar suas identidades e culturas, diante dessa realidade de violência provocada pela modernização. Assim, apesar de subjugados pelos colonizadores, eles conseguem lutar contra as imposições de culturas externas. Como nos lembra Bhabha (1998), “as forças de autoridade social e da subversão ou subalternidade podem emergir em estratégias de significação deslocadas, até mesmo descentradas” (BHABHA, 1998, p. 206),

O reconhecimento da arte indígena pelo protagonista do romance, que é filho de um representante da cultura europeia, também pode ser visto como uma forma de resistência das culturas indígenas, apontando novamente para a violência desse embate: “Na noite da chegada, Mundo me acordou para dizer que havia encontrado um índio velho e doente. Um artista. Acendeu a luz e mostrou uma pintura em casca fina e fibrosa de madeira: cores fortes e o contorno diluído de uma ave agônica”. (HATOUM, 2005, p. 69). Essa resistência mostra que as pessoas “possuem vidas e culturas com identidades não totalmente controladas pelos reformadores” (SAID, 1995, p. 19). Ela reforça, também, a ideia de que “os processos de penetração de culturas hegemônicas na América Latina não supuseram, nem é provável que suponham, uma uniformização aculturada” (ACHUGAR, 2006, p. 84).

### **Problematização de estereótipos**

Nota-se que o texto hatouniano pontua a multiplicidade étnica, social e cultural na Amazônia. A perspectiva heterogênea questiona olhares que compreendem a Amazônia a partir de uma formatação una ou binária. Assim, a narrativa tenta desconstruir



estereótipos, como a ideia de Eldorado e Inferno Verde. A problematização da ideia de Eldorado fica evidente nos cenários de miséria, como o bairro Novo Eldorado.

O nome desse espaço remete ao mitológico lugar afortunado, contudo, nele só há mazelas e sofrimento como é notável na fala do protagonista. “Os amigos do meu pai vão inaugurar com pompa [...] É, vais ver que lindo Eldorado, disse Mundo. Nem Fogo ia querer morar lá” (HATOUM, 2005, p. 144-145). Assim, transformada em nome de bairro, a fonte de riqueza tão sonhada por Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro não passa de mera fantasia.

A crítica mais contundente contra a imagem de uma Amazônia paradisíaca, no entanto, é feita pelo “Campo de cruzeiros”, obra realizada por Mundo no bairro Novo Eldorado a qual já mencionamos nesse trabalho. As cruzeiros diante de cada casa podem ser lidas como o próprio sepultamento dessa imagem. Um cemitério de sonhos dos muitos que foram para a região buscando enriquecimento e tiveram que aceitar a condição de vencidos. Como alguns moradores do bairro, que o livro descreve da seguinte forma: “brasileiros do Maranhão, todos pobres, só com farrapos do corpo. Ela trabalhava num babaçual. Veio atrás de fartura, não encontrou nada” (HATOUM, 2005, p. 273).

Já a imagem de “Inferno Verde” é questionada, no livro de Hatoum, pela recusa do estereótipo da “Amazônia genesíaca”, da imagem do espaço construída a partir da ideia de isolamento e virgindade da floresta, desdobrada na ingenuidade e no exotismo da população local. Contrapondo-se a esse estereótipo, a narrativa expõe uma região multifacetada e heterogênea. Focalizando principalmente a cidade de Manaus, a Amazônia hatouniana é formada por diversas influências culturais, econômicas, sociais e políticas, em decorrência da ação de diferentes sujeitos.

A adaptação estrangeira nesse espaço pontuada na narrativa também confronta o discurso do “Inferno Verde”, baseado numa suposta impossibilidade de se viver na região por muito tempo. Esse movimento de chegada e permanência de povos distintos mostra uma Amazônia que, apesar de todos os problemas é ocupada por pessoas que procuram, sim, um lugar para viver. Como o médico japonês Kazuma San, o próprio Jano (que é de origem portuguesa) e mesmo muitos dos nordestinos que foram para a região seduzidos pela ilusão de riqueza.



O questionamento das imagens essencialistas é uma reivindicação da pluralidade, uma forma de luta contra discursos homogeneizantes. Achugar (2006, p. 155) diz que, “a heterogeneidade foi e é, de algum modo, uma reivindicação e uma característica do discurso de resistência, diante de um projeto homogeneizante”. Canclini (2015, p. 9) também aponta para isso ao afirmar: “Quero dizer que reivindicar a heterogeneidade e a possibilidade de múltiplas hibridações é um primeiro movimento político para que o mundo não fique preso sob a lógica homogeneizadora”.

Partindo dessa compreensão, não é infundado pensar que, Hatoum, por meio de sua obra, tenta desconstruir imagens e discursos os quais atribuem um aspecto essencialista a esse lugar. O conceito de “desconstrução” definido por Jacques Derrida cabe nessa percepção reflexiva, porque o escritor manauara, de certa forma, desestrutura a imagem estereotipada dessa região ao se distanciar da concepção homogênea, ostentando um espaço plural. Sobre tal conceito, Derrida menciona:

Então, a desconstrução, evidentemente, podemos considerar que consiste justamente em colocar os ladrilhos do avesso, enfim, a perturbar a ordem. Mas consiste também em interrogar-se sobre o que não funciona na ordem. Sobre o que na ordem é uma desordem, o que a ordem oculta como desordem. A desconstrução não consiste apenas em recolocar ordem, mas se interessa pela desordem. (DERRIDA, 2012, p. 138)

### **Considerações finais**

Como se observou nessa reflexão, a Amazônia é bastante diversificada, tanto no que se refere ao espaço quanto aos sujeitos. Nesse cenário são múltiplas as interações sociais e culturais. Desse modo, a identidade da região não repousa em uma essência. Diante disso, as imagens homogeneizantes que insistem em estereotipar esse lugar não se sustentam em uma experiência. Elas foram pensadas e fomentadas a partir de discursos fantasiosos e ideias de dominação do projeto colonialista.

Compreende-se que, ao invés de se fomentar pensamentos engessados e de olhar as questões socioculturais por uma perspectiva vertical deve-se ter uma ótica mais rizomática. Assim, não se nega as diferenças e, então, as relações de alteridade se sobressaem. Partindo de tal compreensão torna-se importante tecer reflexões sobre a Amazônia para problematizar estereótipos que inviabilizam um olhar mais alargado à diferença no campo cultural e social, favorecendo os conflitos entre os sujeitos.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: estudos efêmeros sobre arte, literatura e cultura*. Tradução: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução: Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Tradução. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da USP, 2015.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2015.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. Segunda edição. São Paulo: Contexto, 2005.

HATOUM, Milton. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades – Belém e Manaus*. Belém: Secult, 2006a, p. 49-70.

\_\_\_\_\_. Milton Hatoum. *Digestivo cultural*, São Paulo, 1 maio 2006b s/p. Entrevista concedida a Julio Daio Borges. Disponível em: <[https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton\\_Hatoum](https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton_Hatoum)>. Acesso em: 05 abr., 2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Milton Hatoum. *Claraboia*, Jacarezinho, v.5, p. 129-135, jan./junh., 2016. Entrevista concedida a Danivia Cassiano Feliciano e Leticia Barboza. Disponível em: <[http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/viewFile/762/pdf\\_67](http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/viewFile/762/pdf_67)>. Acesso em: 10 abr., 2018.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: CRISTO, Maria da Luz pinheiro (Org.) *Arquitetura da memória: ensaios sobre romances Dois irmãos, Relato de um certo oriente e Cinzas do norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/UNINORTE, 2007, p. 98-118.

SAID, W. Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista: mercadoria e cultura urbana*. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SLATER, Candace. Resenha dois irmãos. Tradução: Ana Maria Furtado. In: CRISTO, Maria da Luz pinheiro (Org.) *Arquitetura da memória: ensaios sobre romances Dois irmãos, Relato de um certo oriente e Cinzas do norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/UNINORTE, 2007, p. 352-355.